

Reynaldo Bessa

A NOITE ALÉM DE ESCURA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

AQUILO AINDA BRILHANDO...

*“... E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas...”*

(AUGUSTO DOS ANJOS)

AQUILO AINDA BRILHANDO. Ele e seus pensamentos ajoelhados sobre o genuflexório do passado. Passado. Ora! Isso não existe. Tudo é presente. Ou tudo é nada. Caso contrário, por que então esse soco me dói como se tivesse acabado de ser desferido? Por que ainda essa umidade? E esse hálito de um tempo já tão distante. Distante? Já não sei mais. E por que ele e não ela? Deixa pra lá. Terá sua vez, sua cota, seu quinhão. Terá? Ah! Não importa mais. Ele sempre achou que o amor era um quebra-cabeça faltando peças. Pro-po-si-ta-da-men-te. Pra festinha ficar ainda mais barulhenta, ainda mais suja, um inferninho. O amor é mesmo um subversivo, sim, é. Leu isso em algum lugar. Não lembrava quem o havia escrito, mas também não interessava saber. Pra quê? Mas o que interessava mesmo? O amor... Ah! De novo. Espanou a cabeça, e a escuridão do templo foi invadida por um clarão de náuseas. Não adianta, os pensamentos voam, voam, mas

voltam, voltam sempre, assim, como esses pombos famintos e malcheirosos que contaminam praças, campanários, telhados e catedrais. O dia inteiro bicando migalhas, assim como pensamentos malcheirosos bicando lembranças. Para os pombos, existem os falcões e, para os pensamentos? Ah! Deus. Preciso comprar a coisa. Cobrou-se.

Ia e vinha. Os pensamentos ainda em seu encaixo: como poderia amordaçar a boca desses cães ferozes fuçando o calabouço? Ele que nunca fugiu de nada, que sempre brandiu sua coragem, seu ânimo, sua vontade. Ele que tanto ergueu seu grito em prol do que queria... Sim, ele que viveu tripudiando a covardia. Tantas e tantas vezes disse: “Isso é covardia. Não seja covarde”. Mas aí, o querer. Ah! O querer, o querer, o querer... Essa maquininha que nunca para, nunca emperra, nunca, nunca, nunca falha, nem falta... Nem cala. Ah! O insaciável querer: esse animal faminto, esse templo gigantesco onde multidões inteiras, de todo o mundo, se esbarram, se curvam, oram, cantam em seu louvor. Todos prostrados em seu nome. Essa religião infestada de prosélitos ensandecidos. Uma entrega cega a ponto de cedermos o pescoço àquela que não mais nos ama. O que estaria acontecendo? Estaria agora rasgando as velas do barco que há muito havia construído?

Quantas lembranças cabem dentro de um homem? Qual o limite suportável? Ou o tédio seria o resultado de que tudo é mesmo suportável, como disse uma vez um poeta maldito? Perguntava-se. E, por falar nisso, foi até a estante e jogou todos os seus livros fora. Começou pelos raros. Demorou-se um tempo maior em um ou outro, mas os jogou fora mesmo assim. Livros, livros, livros. Depois, seus discos: todos, todos, fora. Já. Ainda pôde ouvir a cara de um dos seus ídolos

estalando sob seus pés. Ufa. Parou ofegante, cansado. Claro que tudo isso não era o verdadeiro motivo pelo qual estava maquinando. Na verdade, não maquinava, vinha. Para isso não havia motivos? Se existe um deus, deve agora estar admirado. Pensava. Olhou em volta: guimbas, guimbas, guimbas. O que um dia foi fogo, hoje, cinzas, cinzas, cinzas. Por que pensou nisso? Nunca parou de fumar. Outro fracasso? O que importava agora? Acendeu um cigarro. Este tremia entre os dedos. Era bom fumar sem medo. Onde não há vida, não há medo. A única coisa que ainda havia era essa divindade bela e cruel vagando solitária por um templo escuro, abandonado, úmido, destruído, escorregadio, descompassado. Uma deusa descalça, de lágrimas púrpuras, caminhando por uma masmorra... Arrastando grilhões... Essa deusa/musa/puta que lambeu as cores dos sonhos, que apunhalou as noites tranquilas, que cantou canções de morte. Chega. Preciso comprar a coisa. Cobrou-se de novo.

Por fim, saiu para comprá-la. Voltou. Sob a axila, uma caixa hermeticamente embrulhada em papel pardo. Ao abrir a porta, o som da chave na fechadura tamborilou náuseas. Havia almoçado? Náuseas... Aquilo ainda brilhando. Deixou a caixa num lugar qualquer e foi cuidar de outras urgências. Não exatamente urgências, porque quando se está morto não há mais urgências. Apenas ia com o que ainda lhe restava. O querer, o querer. O querer não querer. Sentou-se. Insistiu num motivo. Tantos e nenhum. Um vazio cheio de coisas, coisas cheias de nada. Uma carta? Não. Nada de cartas. Agora entendia por que os que o antecederam nunca as escreveram. Entendia, mas e daí? A experiência vem na cola da extrema-unção. Deixou o olhar cair pro lado e, assim ficou. Horas?

Por estas ruas, não tão escuras quanto agora, existiu um anjo pálido, embriagado do vinho da vida, da alegria. Cantarolava sob luzes douradas, comparsas. Dedilhava seu alaúde como se fosse o último e o mais belo dos anjos... Até que num átimo, viu-se partindo o alaúde ao chão, e as noites, não tão escuras quanto agora, vazou pelas fendas da indiferença. Todas.

—

Abriu a caixinha como se desativasse uma mina. Olhou a coisa. Olho no olho. Tocou-a. Passou-a de uma mão para a outra. Ainda náuseas. Febre. Fechou os olhos. Abriu-os. O infinito num segundo: um polegar sobre o outro, vermelhos pela pressão exercida, olhos arregalados – injetados de sangue – sobre aquela coisinha de sorriso sardônico, metálico, vindo como uma pica dura em direção aos lábios daquela outra coisinha... Vindo, vindo, vindo... Olho na coisinha, mira no quase giro da morte cilíndrica. Vindo, vindo, vindo... Ferrugem. O toque irritante nos dentes. Tintilando. A barbatanzinha do tubarão riscando o céu da boca. O beijo de aço, vindo, vind, vin, vi, v...: o impacto, o zumbido, o escuro... O vazio e... Aquilo ainda brilhando.

ENTRE OS DENTES

AINDA POSSO VÊ-LO ZANZANDO PELO HALL DO AEROPORTO. Parecia alguém querendo sair da própria pele. Pra piorar, um dos seus velhos sapatos havia desprendido o salto e me remetia a um animal tentando lamber as pegadas dos transeuntes. O homem ia de um lado para o outro, sentava-se, levantava-se, para logo em seguida tomar outra direção. Qualquer uma.

Nunca fora uma pessoa calma, mas agora em seus últimos dias, parecia não caber mais em si. Era como se a chegada do fim lhe queimasse feito alguém cada vez mais próximo do fogo. Era a consciência forçada, a finitude como um troféu involuntário. O homem que adormecia um e acordava outro, aos poucos. A cada queda – e elas tinham sido muitas – a consciência de não mais erguer-se por inteiro.

Em outros tempos, quando trazia alguma coisa lhe perfurando a frágil pele das inquietações, era simples resolver convidando-lhe para um trago, para um bom prato ou uma boa conversa sobre algum momento sagrado do seu passado. Agora não era mais tão simples assim.

E lá estava ele, abrindo e fechando a camisa – por aqueles tempos, estava sempre com muito calor – como se quisesse criar um grande movimento e sair voando dali feito um velho pássaro animado com a possibilidade de mais um voo, o derradeiro. De relance, pude ver os peitos caídos, a barriga

inchada, a papada, a pele pálida, os pelos brancos e ralos, o olhar de espanto como se a intimidade excessiva com o mundo o tivesse transformado em um lugar desconhecido. Mais ou menos como uma criança que estranha seu velho brinquedo. Será que ainda conheceria aquele outro homem muito parecido com ele bem ao seu lado?

E foi quando apareceu um guarda, e meio que de banda, como quem, em algumas situações, por precaução, só entra pela metade, pediu-lhe que fechasse a camisa. Estava em um lugar público, precisava entender. Rapidamente, o homem colocou a mão em concha em uma das orelhas. Fez isso não necessariamente para ouvir o que o guarda lhe ordenava, muito menos porque estivesse preocupado com isso – o que são as regras quando você já não mais faz parte do mundo? –. O gesto foi como se apenas quisesse ouvir um som que brotava de si mesmo. Eu disse ao guarda que estava tudo sob controle, que o único problema daquele homem era ter vivido demais. Então, sisudo, em seu uniforme bem passado, seu olhar de viés e passos elephantinos, foi-se: uma mão no bolso e a outra acariciando o cassetete.

Entreguei o homem ao funcionário da companhia aérea. Daquele, penso ter visto o olhar espantado demorar-se um pouco mais sobre o meu, mas não posso afirmar. Talvez, apenas eu tenha desejado muito isso. Apertei a mão do funcionário, e, logo após, um pouco desengonçado, abracei o homem. Foram-se: o rapazote da empresa aérea em sua pressa protocolar e o outro em passos titubeantes. O animal faminto ainda tentando lambe as pegadas dos transeuntes.

Quando o avião decolou, senti um leve arranhão. Foi como se uma das asas da aeronave, enquanto subia, tivesse feito um leve risco no meu tambor desenfreado. Fiquei e

embarquei. Eu era o avião e o aeroporto. Rodei pelo hall com a pequena palavra entre os dentes como uma chave quebrada na fechadura, como uma tampa dentro da garrafa. É fato, as lembranças pesam mais que o corpo, procuram ocupar o espaço do corpo, pesam mais que um avião, mais que todo o aeroporto.

Meses depois recebi a notícia de sua morte. Foi-se dormindo, envolvido por uma calma que só lhe foi permitida em seu último momento de vida. Repassei em minha mente aquele dia no aeroporto como quem procura uma velha foto numa gaveta abarrotada. Mirei aquela imagem como quem lambe o tempo. O tempo que se foi intacto e sem gosto feito um velho bombom guardado. E me vi novamente zanzando por aquele hall. E vi o homem em sua ruína. Quis chamá-lo como quem grita por alguém dentro de um sonho. Não vinha um nome, não vinha uma voz. Era a realidade que não é realidade, e mesmo assim, tão crua quanto. E a palavrinha entre os dentes. O *p* inflando dentro da boca feito o movimento das asas de um pequeno inseto. Aquele sutil movimento capaz de deslocar os astros, revoltar os mares, enlouquecer as pessoas em noites estranhas. A última letra como uma agulha perfurando o céu da boca. A letra do meio encolhendo-se, como a se proteger do impacto. Pronunciei-a tão baixinho que tive a impressão de que orava. Esperei por algum sinal: uma chuva, uma revoada de pássaros, um farfalhar de folhas, uma avalanche, raios e trovões, ou até quem sabe, o fim do mundo. Nada. Ainda, como uma afronta, repeti a palavrinha por diversas vezes. Nada. Toda a cena do hall desenhava-se viva em minha mente. Ufa! Repousei o livro sobre o criado-mudo e desliguei a luz do abajur. Vi quando todas as coisas mergulharam no escuro. Pensei que

poderia ser assim também com as lembranças. Pelo menos, aquelas com as quais não sabemos lidar. Não, eu não podia apagar aquelas lembranças como, num simples clique, apaguei todos os objetos dentro do quarto. Penso que, diferentemente das coisas, as lembranças possuem luz própria, e brilham ainda mais no escuro.

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2020.
